

As feiras em cidades médias da Amazônia: as relações desenhadas a partir das experiências nas cidades de Marabá-PA, Macapá-AP e Castanhal-PA

Márcio Douglas Brito Amaral
UFPA

p. 376-391

Como citar este artigo:

AMARAL, M. D. B. As feiras em cidades médias da Amazônia: as relações desenhadas a partir das experiências nas cidades de Marabá-PA, Macapá-AP e Castanhal-PA. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 20, n. 2, p. 376-391, mês. 2016. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/issue/view/6465>>. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2014.84539>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

revista

Geo 

USP

espaço e tempo

Volume 20 • nº 2 (2016)

ISSN 2179-0892

As feiras em cidades médias da Amazônia: as relações desenhadas a partir das experiências nas cidades de Marabá-PA, Macapá-AP e Castanhal-PA

Resumo

O objetivo central deste texto é analisar a inserção das feiras de Marabá-PA, Macapá-AP e Castanhal-PA no circuito espacial de produção. De um lado, pretende-se mostrar que as feiras nessas cidades funcionam como alternativa de abastecimento para uma parcela significativa da população, ao mesmo tempo em que acompanham sua lógica de organização espacial; de outro, constata-se que elas criam uma densa rede de relações entre a cidade e a região. A hipótese é que, nas análises geográficas, não se deve desprezar o papel do circuito inferior da economia urbana na estruturação da cidade e de sua rede de relações, e nem descartar as horizontalidades.

Palavras-chave: Circuito espacial de produção. Feiras em cidades médias da Amazônia. Marabá. Macapá. Castanhal.

Fairs in middle-sized cities of Amazon: relations delineated from experiences in Marabá-PA, Macapá-AP and Castanhal-PA

Abstract

The article aims to analyze the insertion of the fairs of Marabá-PA, Macapá-AP and Castanhal-PA in the spatial circuit of production. On the one hand, it presents that fairs in those cities function as a alternative of supply for significant part of population withal they follow their logic of spatial organization. On the other, it shows that fairs produce a dense network of relations between city and region, not only with their network of territorial proximity but with a network of relative proximity. The hypothesis is that one cannot disregard in geographical analysis the role of lower circuit of urban economy at the structuring of the city and its network of relations, as well one cannot abdicate a view for horizontalities.

Keywords: Spatial circuit of production. Fairs and middle-sized cities in Amazon. Marabá. Macapá. Castanhal.

Introdução

Um elemento importante para pensar as cidades na Amazônia e que tem sido subvalorizado, ou mesmo negligenciado na maioria das pesquisas sobre o tema, é o mercado informal de trabalho, aqui entendido de forma mais complexa e ampla por meio do “circuito inferior da economia urbana” (Santos, 2003).

Trabalhar nessa perspectiva do circuito inferior da economia urbana significa acreditar que a cidade e o território usado não se explicam somente por uma divisão territorial do trabalho hegemônica, marcado também pela presença de um sistema técnico hegemônico que domina os fluxos do circuito superior sob o discurso do crescimento e da segurança. Trata-se de apontar que não há uma única divisão do trabalho na cidade, mas sim que existem sobreposições de capital, tecnologia e organização. Do mesmo modo, busca-se fazer uma interpretação que valorize a cidade da perspectiva do espaço banal, não somente como condição de produção e reprodução econômica, mas também como condição de existência (Silveira, 2011; Santos, 2003).

Machado (1999), ao abordar em seu texto as tendências da urbanização e do mercado de trabalho na Amazônia, mostra que, ao contrário do que se imagina, a proporção de empregos informais é maior nas pequenas cidades do que nas maiores, o que está relacionado, na sua interpretação, ao fato de que uma das características principais daquilo que defini como “capitalismo de fundo de quintal”, é a fuga das obrigações trabalhistas, o que tem diminuído nas maiores cidades em função do maior controle na aplicação da legislação trabalhista, da maior competição por trabalhadores qualificados e da maior participação do emprego público. Também Castro (2008) chama a atenção para esse aspecto de as cidades da Amazônia apresentarem precariedade no mercado de trabalho, afirmando que, nas metrópoles e nas cidades médias, o trabalho assalariado vem obtendo maior crescimento, porém nas pequenas ainda se verifica um mercado de trabalho assalariado em formação. Deve-se ressaltar, porém, que diferente da explicação dada por Machado (1999) para a presença desse mercado informal de trabalho, Castro (2008) afirma que:

Uma boa parte da população que vive nas cidades da Amazônia mantém processos de trabalho que decorrem de usos da floresta com expressivo número de produtos transformados pelo trabalho com madeira, frutas, ervas e sementes. Outras formas de trabalho ocupam pessoas na pesca marinha e fluvial, ou ainda em artesanato que serve ao comércio nas cidades – uso talvez mais generalizado – mas também aos rituais e festas, as trocas simbólicas entre comunidades, cidades e parentela distante [...] Muitos trabalhadores que associam sistemas agroflorestais – extrativismo e agricultura – dependem também da biodiversidade da floresta na realização do trabalho e na continuidade de sistemas tradicionais de uso da terra (Castro, 2008, p. 35).

Mesmo o trabalho de Trindade Jr. e Pereira (2007), que em determinado momento faz alusão ao fato de que as cidades médias¹ da Amazônia tendem a acompanhar a baixa qualidade de vida e a pobreza urbana presentes nas metrópoles brasileiras, diferenciando-se, portanto, da realidade das cidades médias do Centro-Sul do país que demandam trabalho qualificado e abriga população de classe média, não consegue avançar no entendimento do papel do “circuito inferior” na estruturação das dinâmicas urbano-regionais da região.

Na realidade estudada, esse circuito inferior da economia é muito intenso tanto na organização da relação da cidade com a região, quanto no suprimento de demandas da população mais carente da cidade e da estruturação interna das mesmas. Ressalte-se ainda que o entendimento do papel do circuito inferior permite explicar, alternativamente, a permanência de redes urbanas mesmo em condições adversas de carência de infraestrutura no setor de transporte e a grande proporção de pessoas desprovida de recursos materiais e educacionais, como destacam Sathler, Monte Mór e Carvalho (2009) ser a condição da Amazônia.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo central analisar a inserção das feiras de Marabá-PA, Macapá-AP e Castanhal-PA – aqui entendidas como cidades médias da Amazônia – no circuito espacial de produção. Procura-se mostrar que, por um lado, as feiras têm funcionado nessas cidades como uma alternativa de abastecimento para parcela significativa da população e que, por outro lado, a partir delas se produz uma densa rede de relações entre a cidade e a região, não apenas com a rede de proximidade territorial, mas também, com a rede de proximidade relativa.

Por fim, o artigo ficou estruturado em três partes principais. A primeira analisa a distribuição espacial das feiras no interior das cidades, buscando sustentar que as mesmas não devem ser desprezadas ao se pensar os processos e formas espaciais da cidade média. A segunda investiga as redes de proximidade (territorial e relativa) produzidas a partir das feiras, de maneira a mostrar que elas são fundamentais para se pensar a centralidade urbana das cidades médias da região. A terceira e última parte do texto, procura revelar que as feiras são expressões da diversidade socioespacial da região amazônica, indicando que são espaços de resistência e de contrarracionalidade.

Distribuição espacial das feiras nas cidades de Marabá-PA, Macapá-AP e Castanhal-PA

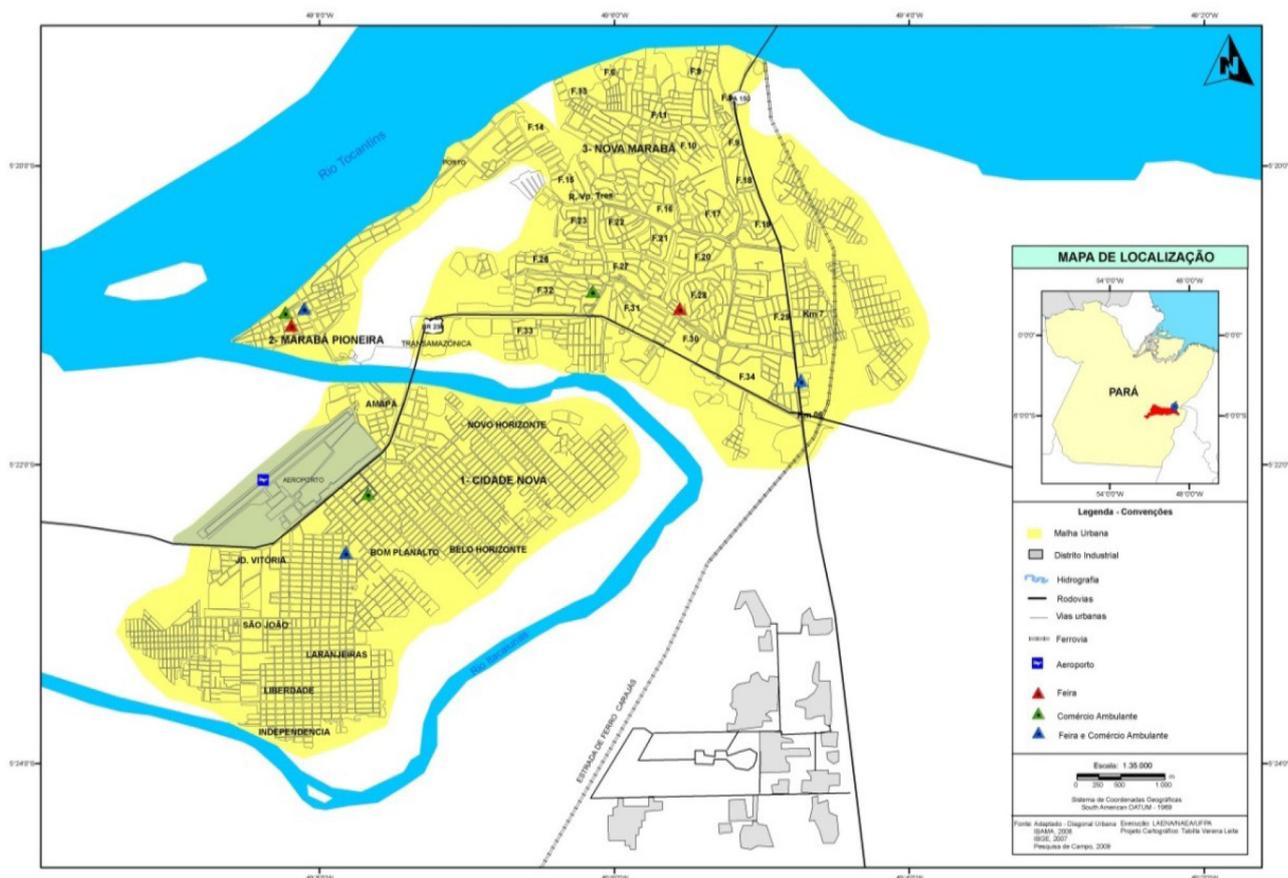
Um primeiro aspecto a ser discutido no texto refere-se à distribuição espacial das feiras no contexto das cidades médias analisadas. A intenção é mostrar a importância desta atividade para cidade a partir da sua localização em relação à organização da cidade como um todo.

¹ A cidade não deve ser entendida em si mesma, mas incluída no movimento de totalidade ou totalização, para se descobrirem as lógicas contraditórias do território, feito de objetos e ações. Assim, as cidades médias devem ser vistas como nós de uma divisão do trabalho em escala mundial, e o estudo de suas especializações pode ser um caminho para entender a recente organização do espaço, em que elas têm assumido cada vez mais um comando técnico da produção e perdendo a possibilidade de assumir um comando político (Silveira, 2002). De acordo com Sposito (2007), o entendimento da cidade média exige que se reconheçam os papéis regionais da cidade. Ao analisar a reestruturação da rede urbana e a importância assumida pelas cidades médias na Amazônia, Trindade Jr. e Pereira (2007) afirmam que, na região, elas cumprem o papel de centros sub-regionais, constituindo-se em vetores essenciais para o crescimento econômico e demográfico regional, porque funcionam como referência para diversos municípios em suas respectivas micro ou mesoregiões.

Observando a cidade de Marabá, verificou-se que as feiras estão distribuídas quase que equitativamente em todos os núcleos principais da cidade, embora na Marabá Pioneira essa densidade seja um pouco mais expressiva, com a presença de quatro, dos nove empreendimentos identificados (Mapa 1). Essa localização das feiras reforça a importância que esse tipo de atividade ainda desempenha no abastecimento da população da cidade, bem como reproduz o mesmo padrão de policentralidade encontrado para as atividades mais gerais de comércio e serviços.

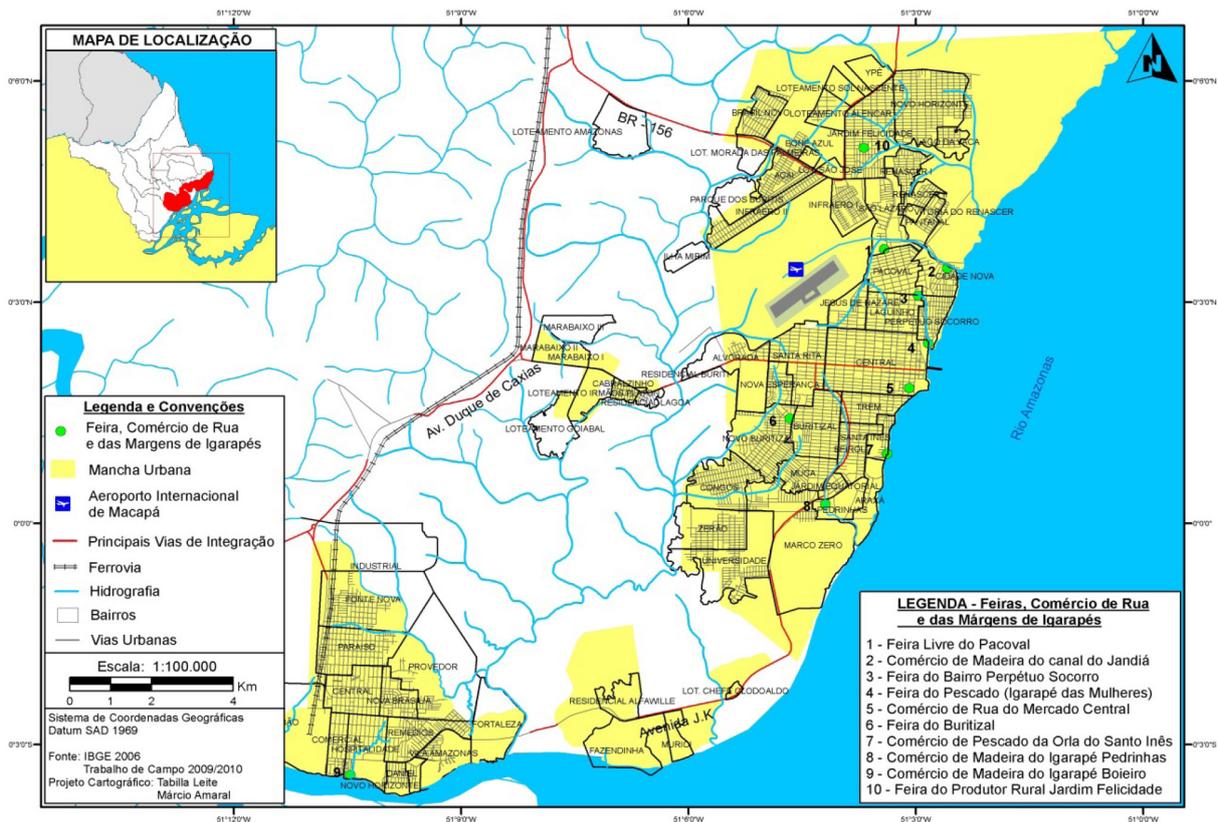
Em Macapá, a distribuição das feiras no interior da cidade (Mapa 2) apresenta um padrão bem semelhante ao de Marabá, embora tenha uma organização espacial marcada pelo forte peso de uma área principal de comércio e serviços (monocentralidade). De modo genérico, pode-se dizer que a distribuição espacial das feiras acompanha a estruturação dos núcleos da cidade, destacando-se uma maior densidade das mesmas na porção mais central da cidade e, de modo menos denso, nas chamadas zonas norte e sul da cidade (áreas de expansão urbana).

Mapa 1 – Distribuição espacial das feiras em Marabá



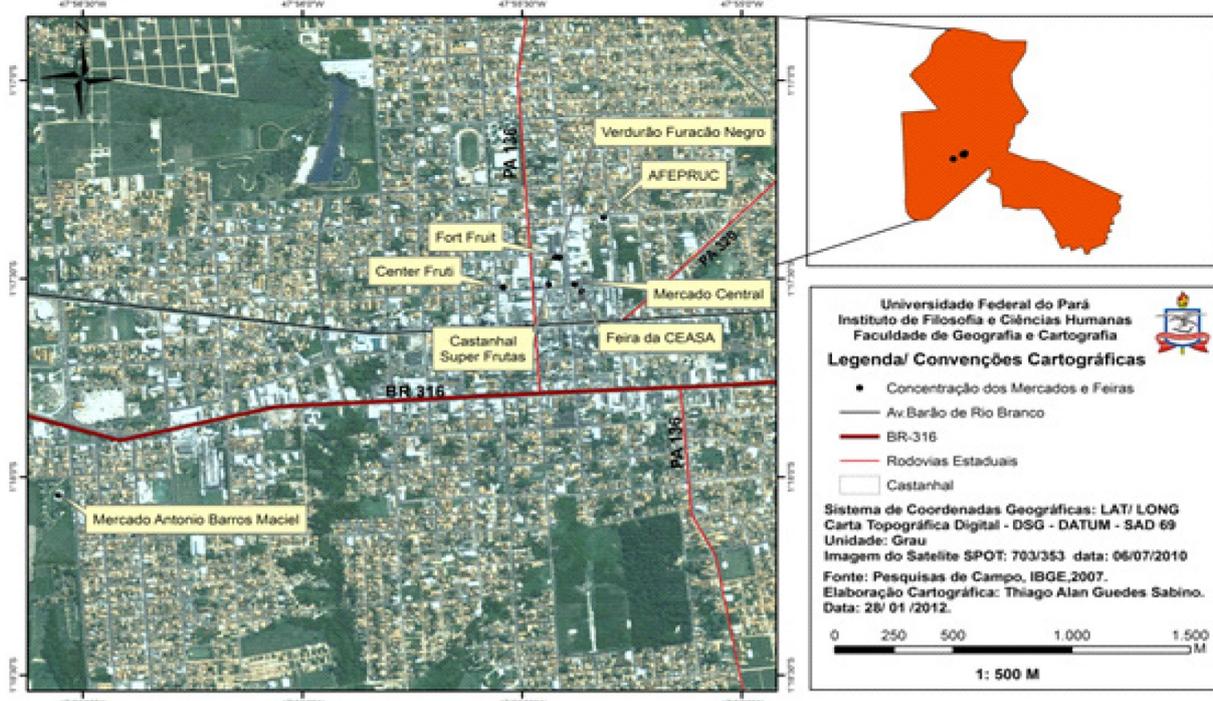
Concretamente, pode-se dizer que a feira do Produtor Rural do Jardim Felicidade e a Feira Livre do Pacoval atendem, em grande medida, a população mais da zona norte da cidade; a feira do bairro Perpétuo Socorro junto com a feira do Buritizal (numa ponta e noutra) parte do arco que contorna o centro da cidade, atendendo a população tanto do bairro central quanto desse arco e da zona sul; a feira de Santana, conhecida pela população local como feira do “mete a mão”, atende mais a população desse município.

Mapa 2 – Circuito inferior da economia urbana em Macapá



Em Castanhal, podemos dizer que as feiras e os empreendimentos de abastecimento agrícola estão num ponto específico, em sua área principal de comércio e serviços: o centro da cidade. Há apenas uma fora daí, no bairro da Saudade (Figura 1).

Figura 1 – Carta imagem da localização das principais feiras e mercados de Castanhal (2011)



Como se nota na Figura 1, as feiras e os empreendimentos do setor de abastecimento estão concentrados numa área específica da cidade. Na verdade, a distribuição espacial dessas atividades acompanha de perto a organização das demais atividades de comércio e serviços nela existentes, o que denota seu caráter de monocentralidade.² Assim, pode-se dizer que, em Castanhal, uma parcela significativa da população da cidade e da região tem como principal alternativa de abastecimento, fora do circuito dos supermercados e hipermercados: a Feira do Produtor Rural, o Mercado Central Abdias Bezerra, o Mercado Municipal Antônio Barros Maciel, a Fort Fruit, o Verdurão Furacão Negro, a Castanhal Super Frutas e a Center Fruit.

Nas cidades médias analisadas, as feiras e sua distribuição no interior da cidade ajudam a entender melhor a “economia política da cidade”, isto é, a forma como a cidade se organiza em face da produção e como os diversos atores da vida urbana encontram seu lugar na cidade (Santos, 2009). A diferença, porém, que se quer destacar, neste texto, refere-se ao fato de que essa materialidade que se organiza em face da produção, não é definida e/ou determinada apenas pelo circuito superior, mas também pelo circuito inferior da economia. Desse modo, deve-se considerar não somente os agentes hegemônicos no meio construído, bem como a divisão do trabalho hegemônica por eles produzida. É preciso ressaltar que os agentes do circuito inferior, em geral, utilizando mão de obra intensiva, tendo forte escassez de capital e baixo nível de organização da produção, também contribuem para a produção da cidade e de suas relações socioespaciais.

As feiras e a centralidade urbana das cidades de Marabá-PA, Macapá-AP e Castanhal-PA

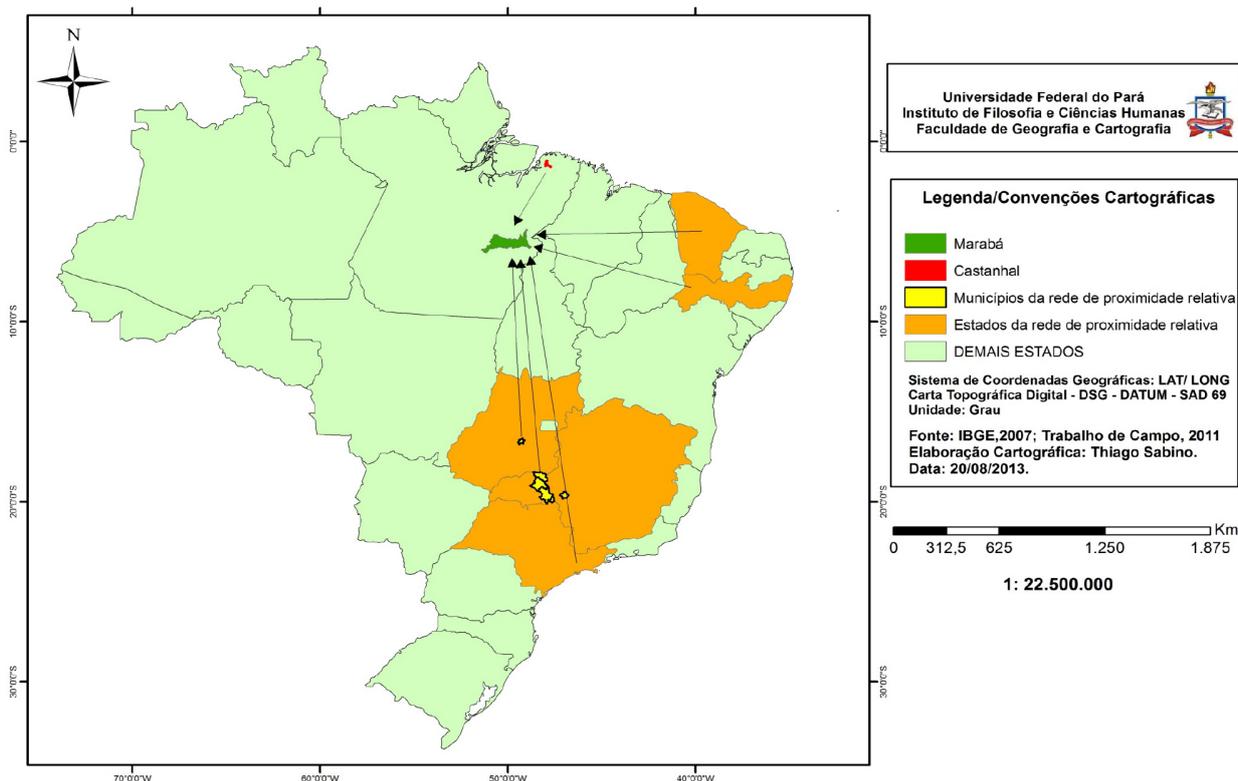
Um segundo aspecto importante na análise das feiras das cidades médias da Amazônia refere-se ao papel exercido pelas mesmas na produção da centralidade urbana. Partindo das redes de proximidade territorial e relativa (Lencioni, 2006) foi possível, então, entender parte do papel de mediação exercido por estas cidades dentro das sub-regiões em que se inserem.

Por condensarem relações tanto da cidade com o campo (os assentamentos rurais) quanto da cidade com a dinâmica regional e extrarregional, as feiras de Marabá permitem que se analise a construção dessas relações. No que se refere às relações com o campo, por meio dos assentamentos rurais, pode-se afirmar que as feiras não apenas abastecem a cidade com produtos agrícolas, mas também que elas ajudam a construir uma alternativa de sobrevivência, fora da lógica do mercado formal, para um grande número de pessoas, cujos destinos passam a ser autodefinidos (autônomos), sem a mediação de uma empresa, sem aquele processo tradicional capitalista de subordinação formal ao mercado.

Em entrevista realizada com os trabalhadores de rua das feiras da Marabá Pioneira, da Folha 28 (Nova Marabá) e da Laranjeira (Cidade Nova), foi possível identificar as principais rotas por eles construídas para aquisição de seus produtos e os meios utilizados para fazê-los chegar até Marabá. Em outros termos, foi possível cartografar as redes de proximidade relativa produzidas por eles no processo de aquisição de seus produtos (Mapa 3).

² As atividades comerciais e de serviços em Castanhal concentram-se na área específica que corresponde aos principais eixos de circulação rodoviária da cidade: a avenida Barão do Rio Branco (antiga via ferroviária) e a avenida Presidente Vargas (BR-316). A maior densidade dessas atividades fica no quadrante entre as avenidas Presidente Vargas (BR-313) e Comandante Assis, e entre as avenidas Lauro Sodré até a 1º de Maio, no bairro centro.

Mapa 3 – Rede de proximidade relativa de Marabá



Em geral, os produtos, principalmente roupas, calçados e eletrônicos, são comprados nas cidades de Fortaleza-CE, Santa Cruz do Capibaribe-PE, Goiânia-GO, São Paulo-SP e também no Paraguai. Chamadas de “excursões”, essas viagens são semanais e organizadas tanto por empresas locais de turismo quanto por particulares que não têm formalidade ou regularidade empresarial como, por exemplo, “excursão da Dona Léo”, “do Zé Maria” e “da Mariazinha”.

Ao ser questionado sobre quem são os principais consumidores de seus produtos, o informante da feira da Getúlio Vargas indicou pessoas de todos os bairros da cidade de Marabá, mas também dos municípios do entorno. Além desses, na feira das Laranjeiras os entrevistados acrescentaram como consumidores potenciais e reais de seus produtos, os agricultores que vão toda semana à cidade (sobretudo aos fins de semana) trazer seus produtos para serem comercializados nas diferentes feiras da cidade. A presença desse tipo de consumidor na feira em questão está associada à presença de um terminal rodoviário utilizado para o transporte alternativo – cooperativas – para os assentamentos e povoados da zona rural da cidade e do entorno.

Como se nota nas entrevistas gravadas, nas observações empíricas e nos diálogos informais mantidos com feirantes e frequentadores desses espaços, os produtos agrícolas comercializados são em parte provenientes de áreas rurais do próprio município, principalmente assentamentos rurais, e, em parte, obtidos em áreas rurais de outros municípios da região e de fora dela. É muito comum se encontrar caminhões, os chamados “caminhões verdureiros”, nos arredores das feiras, com produtos de áreas distantes (Goiás, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais etc.). Também é recorrente encontrar nas feiras, grupos de feirantes que se organizam para comprar produtos de áreas mais distantes da cidade, conforme se pôde verificar na Feira da Folha 28, na Nova Marabá, em que alguns feirantes se deslocam até o Município de Castanhal, no nordeste do estado do Pará, para comprar farinha periodicamente.

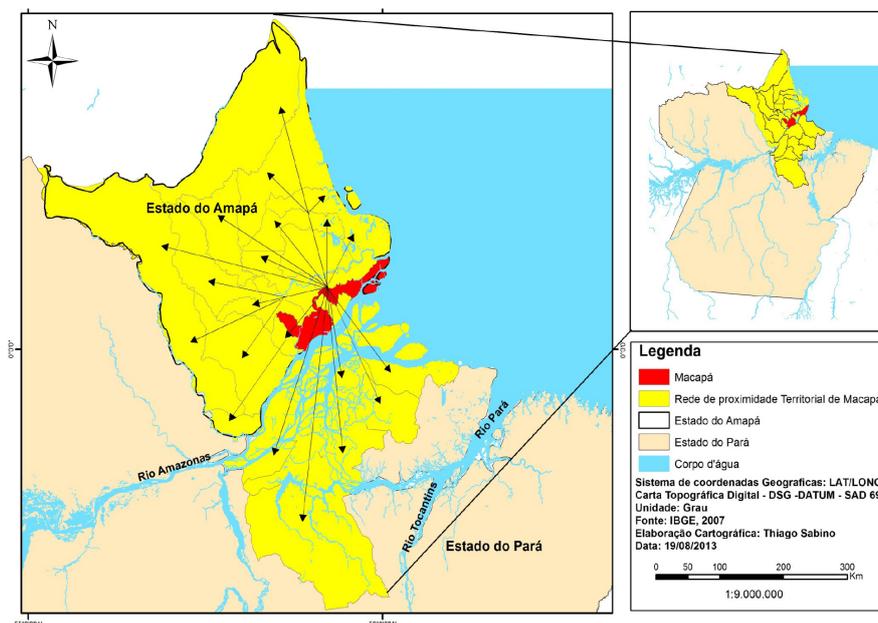
Além do que já foi apresentado, deseja-se enfatizar que algumas feiras da cidade de Marabá apresentam-se como alternativa, de iniciativa dos próprios trabalhadores, para fazer com que a produção possa chegar à cidade sem o controle dos atravessadores que, historicamente, dominaram a circulação dentro da região. Trata-se da rede de proximidade territorial produzidas pelos feirantes, que neste caso são também, em grande medida, os próprios produtores rurais. Nesse processo de circulação é fundamental a ação do *transporte alternativo*, especialmente aqueles que associam a circulação de pessoas à de produtos agrícolas das agrovilas e assentamentos rurais até a cidade.

Na feira das Laranjeiras existe um Terminal Rodoviário voltado especificamente para atender aos moradores das áreas rurais. Trata-se de cooperativas que fazem viagens diretamente para essas áreas rurais, como é o caso da Coopervami, que se dirigem a vilas e/ou assentamentos, definindo duas rotas principais: rota 1 (Santa Fé, Três Poderes, Panelinha, Capistrano de Abreu, Cruzeiro do Sul, Cupu, Bandeirante, Plano Dourado, Vila Seca); rota 2 (União, Piçarreira, Capota, Brejo do Meio, Bode, Surubim, Alto Bonito, Barro vermelho, São João, Cinzeiro, Conquista). De acordo com informações obtidas junto a essa empresa, pode-se afirmar que nessas viagens se transportam, ao mesmo tempo, pessoas (em vans e micro-ônibus, em geral bem mais precários do que aqueles que viajam pelas cidades da região) e produtos agrícolas (em caminhões e ônibus antigos e precários).

A exemplo de Marabá-PA, em Macapá-AP, as feiras também mantêm relações tanto com o campo – dentro do próprio estado do Amapá, quanto em áreas da Ilha do Marajó e do Baixo Amazonas – quanto com a região e outras porções do território nacional, em que Belém, via sua central de abastecimento (Ceasa), se destaca no papel de intermediador de fluxos.

As feiras que mais fomentam essa interação entre Macapá e a rede de proximidade territorial são aquelas voltadas ao comércio de produtos agrícolas produzidos no próprio estado do Amapá como, por exemplo, as feiras do Jardim Felicidade e do Buritizal; bem como aquelas voltadas ao comércio de madeira, em geral proveniente da Ilha do Marajó, a exemplo das feiras das margens de igarapés (Canal do Jandiá, Pedrinhas e Boieiro) e pescado, principalmente provenientes da costa do próprio Amapá e/ou do Pará, como as feiras do Igarapé das Mulheres e da Rampa do Bairro Santa Inês (Mapa 4).

Mapa 4 – Rede de proximidade territorial de Macapá



Como dito anteriormente, as atividades comerciais nas margens de igarapés – por exemplo, o comércio de madeira, pescado ou produtos agrícolas desenvolvido nas ilhas, cidades e povoados ribeirinhos – ajudam a desenhar a rede de proximidade territorial de Macapá. O comércio de madeira é feito em três áreas: o Canal do Jandiá, o igarapé das Pedrinhas e o Igarapé do Boieiro. No trabalho de campo, as três áreas foram registradas, sendo possível realizar diversas entrevistas nas mesmas. Pôde-se constatar que a madeira que é comercializada nas aproximadamente 120 estâncias aí existentes, provem fundamentalmente das cidades do arquipélago do Marajó (Breves, Afuá, Chaves e Gurupá). De acordo com os entrevistados, a madeira chega até eles por meio de atravessadores, que possuem embarcações e viajam por essas cidades do interior em busca dessa mercadoria.

Ainda discutindo o comércio de pescado nas margens de igarapés, podem-se destacar quatro áreas importantes em Macapá: o Igarapé das Mulheres, a Rampa do Santa Inês, o Igarapé das Pedrinhas e o Igarapé da Fortaleza, embora este não esteja plotado no Mapa 2. De acordo com o senhor Raimundo Mota, o “Daia”, comerciante do Igarapé das Mulheres e durante muitos anos Presidente da Associação dessa área, esses espaços, principalmente o que trabalha, funcionam como um “segundo Ver-o-Peso”. Das ilhas do entorno da cidade de Macapá vem o peixe e o açaí que são entregues ao atravessador que os comercializa diretamente nas barracas da feira; da Ilha do Marajó e de Belém, vêm principalmente farinha, mas também verduras e frutas, que abastecem as redes de supermercados, os minibox e as feiras do interior da cidade de Macapá.

Quanto às feiras dos produtores rurais de Macapá, que também ajudam a desenhar a rede de proximidade territorial, foi possível identificar cinco áreas, a Feira Livre do Pacoval, a Feira do bairro Perpétuo Socorro, a Feira do Buritizal, a Feira do Produtor Rural do bairro Jardim Felicidade e a Feira do Mete a Mão, localizada no município de Santana-AP. No que se refere às feiras em questão, pode-se afirmar que suas relações são horizontais, servem para reforçar o papel de centralidade exercido por Macapá em seu estado, mas também permite desmistificar a ideia de que não se produz absolutamente nada no estado, como graça em vários discursos do senso comum da cidade.

Com exceção das feiras do Pacoval e do Perpétuo Socorro, que são consideradas feiras livres, todas as demais funcionam sob a gerência do governo do estado do Amapá, que colocou em cada uma delas um representante, que trabalha na função de coordenador das atividades nelas desenvolvidas. De acordo com um desses coordenadores, o senhor Adelson Carlos Corrêa, da feira do Buritizal, existem 324 comunidades atuando nas quatro feiras indicadas e que as abastecem com produtos provenientes da agricultura familiar.

A produção dessas feiras é em sua maior parte frutas, verduras e, principalmente, farinha, que é o produto mais comercializado em todas as feiras do produtor. Para que essa produção possa chegar à cidade, é disponibilizado um caminhão que transporta a produção em dias específicos da semana e, junto com ele, um ônibus para o transporte das pessoas, como informou o senhor Benedito Barbosa Cruz, coordenador da Feira do Produtor Rural do Jardim Felicidade e confirmamos com motoristas e produtores.

Um último tipo de feira – na verdade, de comércio de rua – que há em Macapá são aquelas nas ruas do bairro central. A coleta de dados junto a esse comércio de rua (camelôs) foi realizada na área do entorno do mercado municipal da cidade, devido a importância que tem

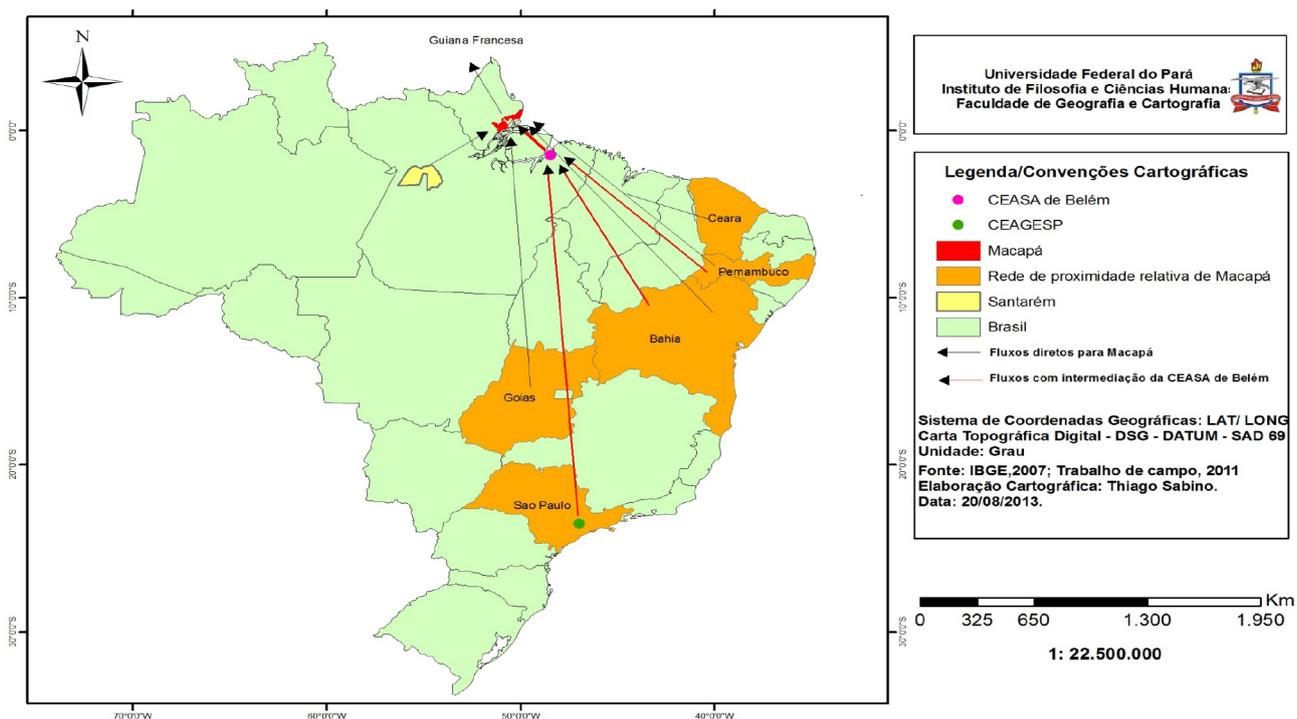
em termos de quantidade e concentração desse tipo de atividade. Nessa área, se comercializam principalmente confecções e calçados, procedentes de Fortaleza, Caruaru, Pernambuco, São Paulo, Santa Catarina e Goiânia.

Em geral, o caminho das mercadorias é o mesmo de todas as outras: da transportadora, seguem de caminhão até Belém, depois embarcam na balsa e/ou no barco para descarregar em Macapá (Mapa 5). Além dessa forma, se identificou o uso do transporte aéreo para pequenas quantidades de mercadoria, e do carro particular – caminhonete ou *pick-up* – para compras em diferentes lugares, principalmente quando se trata do Nordeste.

Em Castanhal, foi possível desenhar a rede de proximidade territorial e relativa da cidade tomando como referência, de um lado, o processo de abastecimento das feiras, mercados e empresas do setor e, de outro lado, o processo de distribuição desses produtos no interior da cidade e da região.

Em termos da rede de proximidade territorial, elegemos como referência a Feira do Produtor Rural de Castanhal, bem como sua associação, a Afepruc (Associação Feira do Produtor Rural de Castanhal), pois ela consegue fazer a articulação da cidade com as colônias agrícolas/agrovilas do próprio município, bem como com as cidades do entorno (Mapa 6).

Mapa 5 – Rede de proximidade relativa de Macapá

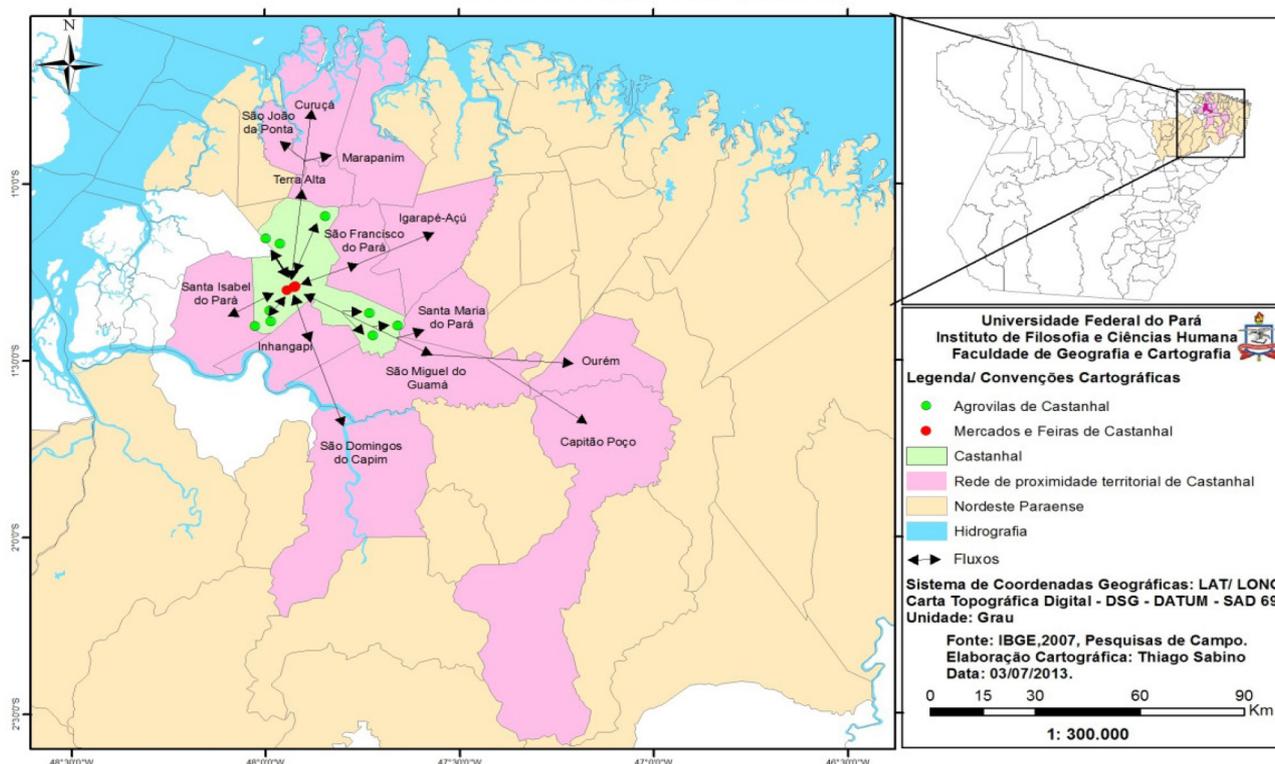


Por meio do Mapa 6 é possível visualizar mais de perto essa rede de proximidade de Castanhal. É interessante notar que se trata de uma área bem servida de infraestrutura rodoviária, inclusive com asfaltamento, o que facilita esse escoamento da produção até a cidade de Castanhal que, por sua vez, se localiza num entroncamento de várias rodovias: no sentido norte, articulando os municípios de Terra Alta, São João da Ponta, Curuçá e Marapanim, tem-se a PA-136 e a PA-318; no sentido sul, fazendo a ligação com Inhangapi, tem-se a PA-036; no sentido oeste, em direção a capital do estado, tem-se a BR-316 em que se destaca a relação com

Santa Izabel do Pará; na direção da antiga estrada de ferro Belém-Bragança, sentido nordeste, na PA-320, tem-se a forte ligação com os municípios de São Francisco do Pará e Igarapé-Açu; na direção leste, seguindo a BR-316 e a BR-010, bem como a PA-124 e PA-253, tem-se os municípios de Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Ourém, Capitão Poço etc.

Antes de avançar na discussão é preciso ressaltar que os produtos provenientes das agrovilas e dos municípios do entorno chegam a Castanhal fundamentalmente por meio de transportes terceirizados, vans e Kombi, mas também, ônibus coletivos e caminhonetes. Há casos em que os próprios vendedores possuem seus veículos e fazem seu próprio deslocamento, como destacou Douglas Marcos, associado-feirante da Afepruc.

Mapa 6 – Rede de proximidade de territorial de Castanhal

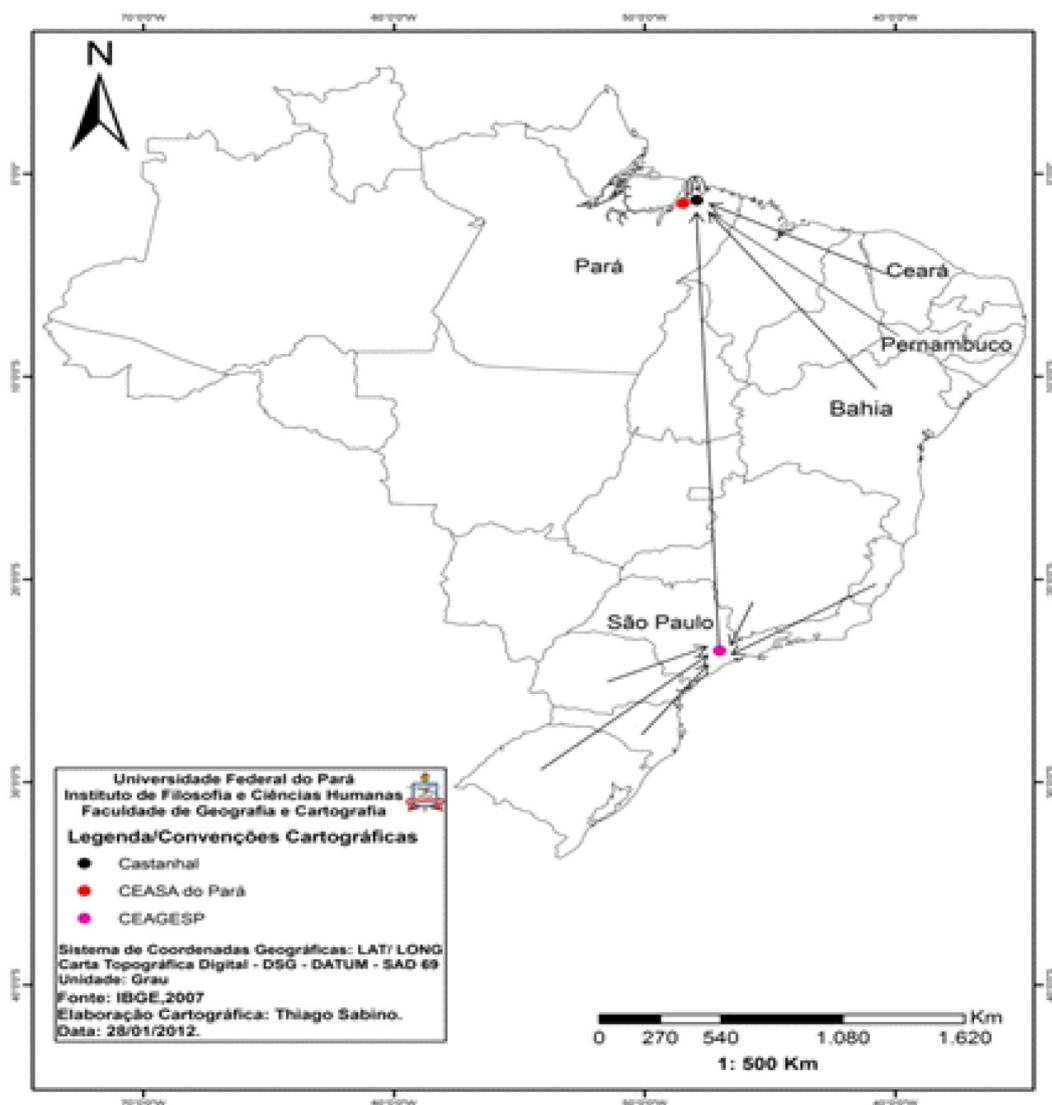


As conexões estabelecidas por Castanhal a partir das demais feiras, mercados e empreendimentos do setor de abastecimento serão aqui tratadas como sendo a rede de proximidade relativa da cidade, por considerar que suas relações envolvem diferentes escalas geográficas, além da regional. Nesse sentido, o comércio do setor de abastecimento, da Feira da Ceasa-Castanhal, do Mercado Municipal Antônio Barros Maciel e do Mercado Central Abadias Bezerra vem, além do nordeste paraense e da própria Ceasa de Belém, de diferentes regiões do Brasil como: Bahia, Ceará e Pernambuco (Nordeste), Goiás (Centro-Oeste) e São Paulo (Sudeste), por meio da Ceagesp (Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo), que articula os estados do sul do Brasil (Mapa 7).

Essa produção que chega das diferentes regiões do país até Castanhal é distribuída também pelo interior da própria cidade, quanto pelas cidades da sua rede de proximidade territorial. De acordo com Raimundo Carlos, gerente de uma das empresas de abastecimento que atuam

na cidade, na atualidade a produção chega diretamente até Castanhal, sem passar necessariamente pela metrópole, fato que ele considera de suma importância, do mesmo modo ela é distribuída pela região do entorno da cidade.

Mapa 7 – Rede de proximidade relativa de Castanhal



Nos mercados Central Abdias Bezerra e Municipal Antônio Barros Maciel, a produção é adquirida principalmente das empresas de abastecimento que atuam na cidade, apenas em alguns casos, daqueles feirantes que possuem transporte próprio, é que foi possível notar a busca pelo abastecimento na própria Ceasa de Belém. Deve-se ressaltar, também, a presença de um abastecimento proveniente das agrovilas e de alguns municípios vizinhos de Castanhal, particularmente, no período de safra da produção, como destacou Custódio Ferreira, vendedor do Mercado Central.

Quanto à chamada feira da Ceasa de Castanhal, o que se verificou foi que na atualidade ela perdeu parte da importância que tinha inicialmente, que era de fazer a armazenagem e o comércio de produtos, principalmente devido à ação das empresas do setor de abastecimento da

cidade. Porém, não se deve desconsiderar o papel que ainda tem no processo de abastecimento da cidade, uma vez que funciona todos os dias da semana, com produtos provenientes tanto de pequenos produtores agrícolas de Castanhal e de municípios próximos, quanto de produtos comprados daquelas empresas do setor de abastecimento.

De modo geral, pode-se dizer que a experiência das feiras de Marabá-PA, Macapá-AP e Castanhal-PA, contribui para ampliar ainda mais o debate tanto do circuito inferior da economia urbana, quanto da abordagem das horizontalidades de Santos (1999, 2003). A respeito deste último, Santos (1999, p. 225) ressalta que o espaço é composto também por “[...] extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região”. Por mais que na atualidade os “espaços da racionalidade” nos afastem das solidariedades orgânicas, próprias da definição clássica do fenômeno regional, e nos imponham arranjos organizacionais, baseadas em lógicas, também, organizacionais e definidas à distância, não se pode negar o peso da “diversidade socioespacial” presente nas cidades e nas regiões, como aquelas aqui estudadas.

A feira como expressão da diversidade socioespacial das cidades médias da Amazônia

Ao tratar dos “espaços da racionalidade”, Santos (1999) afirma que a o processo de racionalização, depois de ter alcançado a economia, a cultura, a política, as relações interpessoais e os comportamentos individuais, atingiu, no fim do século XX, os meios de vida dos homens (o meio geográfico). Nesse sentido, aponta que uma nova relação entre regiões, mediada pelo novo conteúdo da racionalidade, cuja centralidade depende da ciência, da tecnologia e da informação, mas que também encontra limites à medida que esse processo não se dá de forma homogênea e total, existindo zonas onde ela é menor ou mesmo inexistente, permitindo outras formas de expressão com uma lógica peculiar.

Pensar as feiras como espaços contrarracionais não significa apenas que estão localizadas em espaços pouco modernos do território, mas que representam a diversidade socioespacial (Santos, 1999). Nesse sentido, procura-se vê-las como espaços alternativos à lógica racional, que tenta impor a modernização à Amazônia; portanto, as feiras reforçam espaços de “contrarracionalidades” e ajudam a definir uma urbanodiversidade (Trindade Jr., 2011).

Seguindo essa linha de raciocínio, foi possível encontrar em Marabá uma feira cujo objetivo central é estabelecer um projeto político do campesinato, a Feira do Agricultor da rua Sete de Junho. Trata-se de um espaço concebido pelos próprios produtores rurais para driblar as tradicionais teias do mercado e, assim, se inserir por meio de um circuito alternativo e “insubordinado” nas relações comerciais, sem o atravessador.

Como destacou o presidente do sindicato dos trabalhadores rurais, além da produção agrícola, nos assentamentos também se produzem leite e gado. Na circulação de alimentos, os trabalhadores têm conseguido acesso direto ao mercado, o que implica mais ganhos, como também destacou a agricultora Marilda Alves da Costa. Mas não se pode dizer o mesmo da produção de leite e gado, porque, entre produtor e consumidor, intermedeiam a indústria leiteira e os fazendeiros, que negociam com os frigoríficos que atuam na região.

Em Macapá, as feiras não são um projeto político específico para a cidade, mas não se pode negar sua importância na diversidade socioespacial local. Primeiro, porque as feiras têm funcionado como uma alternativa de abastecimento para cidade: produtos agrícolas provenientes do campo (feira do produtor rural), produtos provenientes dos rios, ilhas e cidades ribeirinhas (feiras das margens de igarapés) e produtos vindos de outras regiões (comércio de rua). Segundo, porque as feiras têm acompanhado, embora de forma marginal, a estruturação da cidade, como uma relativa centralidade dentro da tradicional área central e uma expansão em direção as zonas de expansão da cidade (zona norte, zona sul e Duque de Caxias). Terceiro, porque as feiras têm contribuído para estabelecer a produção de uma rede de relações, via circuito inferior, da cidade de Macapá tanto com diferentes cidades do nordeste brasileiro, em função do abastecimento, quanto com as cidades da Ilha do Marajó e do baixo Amazonas.

Em Castanhal-PA, esse debate ganha importância principalmente quando se trata da feira do produtor rural e da ação da sua associação (a Afepruc). O que se verificou nas ações da associação foi uma luta, de um lado, para trazer o produtor rural para dentro da feira, no sentido de que o comerciante deve ser o próprio produtor e, de outro lado, na luta travada contra a ação do atravessador, considerado um agente perverso do sistema.

Como destacaram os produtores-feirantes, a intenção da feira não é só ter um lugar para vender a produção, mas, acima de tudo, para garantir a reprodução do grupo e superar a subordinação à qual estavam submetidos pelas redes que controlam a distribuição e a circulação de mercadorias na cidade e na região.

Considerações finais

Para terminar a análise, considera-se importante levantar alguns elementos comparativos entre as feiras de Marabá-PA, Macapá-AP e Castanhal-PA, para identificar possíveis semelhanças e diferenças entre elas. A ideia é propor, ainda que preliminarmente, uma tipologia das feiras em cidades médias da Amazônia, mesmo considerando os limites dessa proposição – particularmente, o fato de se ater a apenas três realidades geográficas. De todo modo, no Quadro I (disponível no final do texto), constam alguns elementos que consideramos importantes para pensar essa tipologia.

O Quadro I não deixa dúvidas sobre a importância das feiras para as cidades médias da Amazônia, seja para sua organização interna ou para sua rede de relações. Assim, ressalta-se o objetivo de mostrar que é possível pensar a inserção das feiras na lógica da divisão do trabalho sem cair no tradicional debate dualista entre setores econômicos (formais e informais). Deseja-se deixar claro que a cidade não é só o território de uma divisão territorial do trabalho hegemônica e de um circuito superior da econômica urbana determinada pelo plano das verticalidades. A intenção é mostrar que a cidade é o reino da práxis (Silveira, 2011), o que impõe a necessidade de pensar o espaço não só como condição de produção, mas também como condição de existência. Daí o necessário diálogo com as categorias geográficas propostas por Santos (1999, 2003), como homem lento, horizontalidades, circuito inferior da economia urbana, solidariedades orgânicas etc.

Em suma, pode-se dizer que, quando se fala em feiras em cidades médias da Amazônia, não se pretende entrar no debate bizantino sobre o tema, discutido em parte da geografia urbana brasileira da atualidade, mas apenas mostrar que, nas experiências estudadas, as feiras têm sido muito importantes para entender: (a) a organização interna das cidades, no sentido de que funcionam como espaço de

consumo para uma parcela significativa da população da cidade e também da região (o campo e os municípios do entorno); (b) a relação dessas cidades com a região em que se inserem, seja pela rede imediata ou pela relativamente próxima; e (c) a produção da diversidade socioespacial das cidades, uma vez que funcionam, em certa medida, como espaços de resistência ou contrarracionalidade e também como espaço de produção de diferenças, embora não se tenha discutido aqui esse ponto.

Referências

- CASTRO, E. Urbanização, pluralidade e singularidades das cidades amazônicas. In: _____ (Org.). **Cidades na floresta**. São Paulo: Annabume, 2008. p. 13-39.
- LENCIONI, S. Da cidade e sua região à cidade-região. In: SILVA, J. B.; LIMA, L. C.; ELIAS, D. **Panorama da Geografia Brasileira**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 65-75.
- MACHADO, L. O. Urbanização e mercado de trabalho na Amazônia brasileira. **Cadernos do IPPUR**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 109-138, jan./jul. 1999.
- SANTOS, M. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Edusp, 2009.
- _____. **Economia espacial: críticas e alternativas**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003. (Coleção Milton Santos.)
- _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SATHLER, D.; MONTE MÓR, R. L.; CARVALHO, J. A. M. As redes para além dos rios: urbanização e desequilíbrios na Amazônia brasileira. **Revista Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 11-39, jan./abr. 2009.
- SILVEIRA, M. L. Economia política e ordem espacial: circuitos da economia urbana. In: SILVA, C. A. (Org.). **Território e ação social: sentidos da apropriação urbana**. Rio de Janeiro: Faperj, 2011. p. 35-51.
- _____. Metrôpoles do terceiro mundo: da história ao método, do método à história. In: SILVA, C. A.; CAMPOS, A. (Org.). **Metrôpoles em mutação: dinâmicas territoriais, relações de poder e vida coletiva**. Rio de Janeiro: Revan; Faperj, 2008. p. 17-35.
- _____. Globalização, trabalho, cidades médias. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 11-17, 2002.
- SPOSITO, M. E. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: _____. **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 233-253.
- TRINDADE JR., S.-C. C. Diferenciação territorial e urbanodiversidade: elementos para pensar uma agenda urbana em nível nacional. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 7, p. 227-255, 2011.
- _____; PEREIRA, J. C. C. Reestruturação da rede urbana e importância das cidades médias na Amazônia oriental. In: SPOSITO, M. E. **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 313-342.

Quadro 1 – Elementos para uma tipologia das feiras em cidades médias da Amazônia

elementos analíticos	Marabá	Macapá	Castanhal
localização	Em todos os núcleos principais da cidade; destaque para Marabá pioneira, área historicamente usada para comércio e serviços.	No interior da cidade, atendendo a população de modo geral. Destaca-se também a antiga área central da cidade, estendida em direção às áreas de expansão (zonas norte e sul e av. Duque de Caxias etc.).	Em um ponto específico da cidade (área principal de comércio e serviços); há apenas uma fora do centro (bairro da Saudade).
tipos de feira	Grande presença de feiras livres, feiras formalizadas/legalizadas, comércio de rua (camelôs) e feira como projeto político do campesinato.	Feiras livres, feiras de produtores rurais, comércio de rua (camelôs) e feira e comércio das margens de igarapés.	Mercados, feira de produtores rurais, feira livre e empresas do setor de abastecimento.
importância na estruturação da cidade	Acompanham a estruturação dos diferentes núcleos da cidade, reforçando seu caráter polinucleado e/ou policêntrico.	Acompanham a estruturação da cidade, com forte centralidade, sobretudo na tradicional área central, mas tendendo a se distribuir ao longo das zonas de expansão da cidade (zona norte, zona sul e Duque de Caxias).	Reforçam o caráter mononuclear da cidade, cuja área principal de comércio e serviços (superior e inferior) se localiza num ponto específico, mais precisamente em sua área central.
importância para pensar a relação cidade e região	<ul style="list-style-type: none"> – Servem ao abastecimento interno da cidade; – Conectam a cidade ao campo, particularmente com a feira do produtor rural; – Conectam a cidade a outras regiões do país – abastecimento de produção/mercadorias. 	<ul style="list-style-type: none"> – Funcionam como espaço de abastecimento alternativo na cidade, uma vez que a rede de abastecimento do circuito superior não supre a demanda local/regional. – Conectam a cidade de Macapá à Ilha do Marajó e ao Baixo Amazonas. – Conectam a cidade ao campo, principalmente com as feiras dos produtores rurais. – Conectam a cidade a outras regiões do país, no sentido de abastecimento, destacando-se Belém como intermediador regional. 	<ul style="list-style-type: none"> – Papel importante no abastecimento da cidade e de municípios próximos; – Conectam a cidade a agrovilas e a municípios próximos. – Conectam a cidade a outras regiões do país, destacando-se diferentes estados do Nordeste, o estado de Goiás e a Ceagesp, em São Paulo, que faz a conexão com os estados do Sul do país.
dimensão política	Algumas feiras são parte de um projeto político, no sentido de que os produtores as utilizam para quebrar o controle de atravessadores no abastecimento da cidade.	Não se constatou uma preocupação em pensar a feira como alternativa política, embora não se deva desprezar sua importância para demarcar a diversidade socioespacial no interior da cidade.	A feira do produtor rural de Castanhal e sua associação (Afepruc) são parte de um projeto político, no sentido de que os produtores comercializam seus produtos na cidade sem ter que se submeter à ação de intermediários/atravessadores.